

(Continuação):

passou a se chamar Dulcina-Odilon, companhia essa da qual faziam parte, seus pais, seu outro cunhado Alberto Dumont, Suzana Negri, Manoel Pera, Armando Rosas, Dinorah Marzullo, Aristóteles Pena, Roque da Cunha e esporadicamente, o excelente Manoel Duraes.

Foi essa Companhia (como se chama então os grupos de teatro) que por cerca de quase trinta anos percorreu os grandes centros brasileiros (foram também a Portugal) levando um repertório bastante superior (em escolha e encenação) aos outros grupos existentes. E quando, a partir dos anos quarenta, o teatro brasileiro entrou, pode-se assim dizer, na maioria foi essa, a primeira Companhia que procurou desenvolver um teatro mais adequado aos novos tempos.

Marcou a nova etapa, a célebre temporada realizada por Dulcina, no Teatro Municipal do Rio de Janeiro, no qual foram apresentadas: "César e Cléopatra", de Bernard Shaw, "Anfitrião 38", de Jean Giradoux, "Santa Joana", de Bernard Shaw e "Bodas de Sangue", de Federico Garcia Lorca. Mas, sem dúvida, seu maior êxito foi, já nos anos quarenta também, a criação de Sadia Thompson em "Chuva", adaptação teatral do conto de Somerset Maugham. Sobre essa interpretação comentou Décio de Almeida Prado, algum tempo depois da primeira apresentação em São Paulo: "...O coração da peça e da interpretação não se alterou. Dulcina continua a nos comover profundamente com o espantoso gráfico do medo que traça no segundo ato, o quadro de uma pobre criatura cercada por forças que a ultrapassam de muito, física e espiritualmente.

O nó na garganta, o olhar da fera acuada, os repentes de suposta coragem, de suposto desafio, tentando esconder, no fundo do coração, a humilhação, e o terror, são os mesmos de outrora, agindo sobre nós, libertando uma poderosa onda de emoção e piedade..."

(Cont. Folha nº2)